

ASPECTOS SINTÁTICOS E SEMÂNTICOS DO VERBO *FAZER* NA FALA GOIANA

Fernanda Carolina Mendes¹

Leosmar Aparecido da Silva²

fernandacarolinamendes@hotmail.com

leosmarsilva@hotmail.com

RESUMO: Partindo dos pressupostos teóricos funcionalistas, são analisados, neste trabalho, alguns aspectos sintáticos e semânticos do verbo *fazer* no português brasileiro, sobretudo na fala goiana. Ressalta-se que o uso bastante frequente de tal verbo – além de indicar alta produtividade – tem papel fundamental no enfraquecimento de suas forças semânticas (*bleaching*) e, portanto, no seu processo de gramaticalização. Entre os vários usos do verbo supracitado, enfocaremos – dentro de um *continuum* – aqueles cujas características apontam para a extremidade com traço [+ gramatical]. O verbo *fazer* será tratado, portanto, com maior ênfase, em indicações de tempo, em estruturas causativas, em construções com verbo-suporte e em sentenças em que ele exerce função referencial. Pretende-se, assim, com este trabalho, atestar o fato de que o uso efetivo não preenche supostas categorias estanques, dicotômicas e/ou rigidamente delimitadas; há, na verdade, gradualidades que as transcendem.

PALAVRAS-CHAVE: multifuncionalidade; gramaticalização; verbo *fazer*.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, sintetizam-se os resultados de uma pesquisa de iniciação científica com o plano de trabalho intitulado “Aspectos sintáticos e semânticos do verbo *fazer* na fala goiana”, que foi realizada de agosto de 2012 a julho de 2013, sob a orientação do Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva. Esse trabalho está vinculado a um projeto maior denominado *Fala goiana*, que é desenvolvido por pesquisadores da FL/UFG e da UEG, e que visa à descrição do português contemporâneo falado em Goiás. Os *corpora* analisados se constituem tanto de transcrições de dados de fala feitas no projeto supracitado, quanto de dados de fala não

¹ Graduanda em Letras (licenciatura em Português) pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e participante do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC).

² Professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG) e vice-coordenador do projeto *Fala goiana*.

sistematizados, ou seja, do registro de construções comumente ouvidas, mas que não apareceram nas gravações realizadas.

Como sugere o próprio título, quis-se, com este trabalho, coletar e descrever os usos do verbo *fazer* na fala goiana, considerando não só seus aspectos sintáticos, mas também semânticos. No processo de análise e categorização desses usos, partiu-se de pressupostos funcionalistas básicos, tais como a ideia de que a língua se realiza na interação e de que o uso tem um papel fundamental na atualização da expressão linguística. Levou-se em consideração, ainda, a noção funcionalista de fluidez categorial, que postula a inexistência de divisões rígidas e dicotômicas entre as categorias gramaticais. Além disso, foi usada também a teoria da gramaticalização, que prevê um tipo específico de mudança linguística em que um item/construção se modifica em direção à aquisição de traços mais gramaticais.

Este artigo está organizado em basicamente cinco seções. Na primeira seção, a introdução, é feita a contextualização da pesquisa bem como a apresentação da proposta. Na segunda, há uma breve revisão de literatura acerca dos trabalhos já realizados com o verbo *fazer*. Na terceira, descrevem-se a metodologia da pesquisa e o referencial teórico utilizado. Na quarta, apresentam-se os resultados, ao mesmo tempo em que se faz uma discussão deles. Na quinta, procede-se às conclusões e, na sexta, apresentam-se as referências.

1. TRABALHOS JÁ REALIZADOS SOBRE O VERBO FAZER

Deixa-se claro que muitos usos do verbo que constitui o objeto de estudo desta investigação já foram analisados em outras pesquisas, tais como as de Rassi (2008), Conejo (2008) e Machado Vieira (2003). No primeiro trabalho citado, a autora (2008) descreve as ocorrências do verbo *fazer* em dados do português escrito, com base na Teoria Léxico-Gramática, formulada por Gross (1975). Uma das contribuições mais importantes dessa dissertação é a proposta da classificação do *fazer* como hiperverbo, que seria um verbo cujo sentido abarcaria vários outros verbos e que manteria com eles relação de hiperonímia. É o que acontece em *a moça fez o quadro*, em comparação com *a moça pintou o quadro*. Enquanto, no primeiro caso, pode haver tanto a interpretação de que a moça foi a pintora, quanto a de que ela foi a escultora do quadro, no segundo caso, há a certeza de que a moça apenas pintou o quadro. Na primeira ocorrência, o verbo *fazer* apresenta sentido menos específico e pode designar mais de um estado de coisas. É em razão disso que nele podem estar contidos os sentidos de outros verbos.

Já Conejo (2008) opta por tomar como objeto de estudo, mais especificamente, os usos de *fazer* como verbo-suporte em textos jornalísticos, a partir de uma perspectiva funcionalista. A autora (2008) estabelece um *continuum* de gramaticalização do verbo estudado e defende a ideia de que o verbo-suporte oscila entre os extremos de verbo pleno e construção cristalizada. Além disso, há, no trabalho, o estabelecimento de padrões frasais para as construções-suporte em graus de prototipia e em graus de referencialidade da construção.

Seguindo também o referencial teórico da gramática funcional, Machado Vieira (2003) analisa, morfossintática e semanticamente, vários usos do verbo *fazer* em textos jornalísticos e em entrevistas feitas com brasileiros e portugueses. Para tanto, a autora se utiliza, sobretudo, dos pressupostos teóricos básicos do funcionalismo holandês em relação à constituição da rede predicativa. À semelhança do trabalho citado anteriormente, Machado Vieira (2003) também confere uma atenção maior aos usos do *fazer* como suporte.

Diante de uma quantidade significativa de trabalhos sobre o verbo em questão, uma das justificativas para a realização desta pesquisa é o fato de se tomar como *corpus* dados da fala goiana, que é bastante estudada nos níveis fonético e fonológico e que, todavia, ainda é pouco examinada no nível sintático. Ao contrário da maioria dos trabalhos supracitados, pretende-se encontrar usos do *fazer* bem característicos da língua falada em Goiás, bem como descrever suas principais funções discursivo-pragmáticas.

2. METODOLOGIA

Inicialmente, houve uma coleta de dados da fala goiana, em que foram entrevistados cinco moradores de Goiânia, com até quatro anos de escolarização. Nessas entrevistas, a pesquisadora inicialmente se apresentava e falava do projeto de pesquisa, sem explicitar que o foco da análise recairia sobre aspectos linguísticos. A fim de tentar minimizar o grau de monitoramento gerado pela presença da pesquisadora e do gravador, tentava-se fazer, por meio de perguntas, que os informantes narrassem suas experiências de vida, conforme sugere Tarallo (2007). Buscou-se, então, realizar questões que envolvessem lembranças/recordações, já que se pressupõe que esse tipo de pergunta exige um envolvimento emocional maior e favoreceria, portanto, a existência de um grau mais baixo de monitoramento da fala. Nesses casos, o falante tende a se preocupar mais com lembrar-se dos fatos ocorridos e, portanto, com o conteúdo a ser veiculado do que propriamente com a maneira com que os acontecimentos são narrados.

Após a análise dos usos coletados, examinaram-se ocorrências do verbo *fazer* em dados de fala transcritos por outros pesquisadores do *Fala goiana*. Esses dados se constituem de transcrições de entrevistas feitas por Silva (2005) com 12 moradores da Cidade de Goiás, e mais 6 transcrições de entrevistas com moradores da região metropolitana de Goiânia. Com o objetivo de fundamentar o trabalho, foram feitas algumas leituras de textos teóricos de orientação funcionalista principalmente sobre gramaticalização e gradualidade, como os de Bybee (2003a e b), de Traugott e Trousdale (2010) e de Silva (2012). Foram lidos também trabalhos acadêmicos em que o verbo *fazer* foi objeto de análise, tais como os de Rassi (2008), Conejo (2008) e Machado Vieira (2003), que auxiliaram no processo de descrição dos usos encontrados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 DINAMISMO LINGÜÍSTICO E GRAMATICALIZAÇÃO

Com base no entendimento de que, na interação linguística, a pragmática precede à sintaxe (HERMMAN PAUL, 1966, *apud* GONÇALVES et al., 2004, p. 25), a realização de itens linguísticos ocorre, primeiramente, em razão do cumprimento do propósito comunicativo. É justamente isso que leva à consideração de que a gramática de uma língua natural nunca é estática, mas fluida, e emerge das regularidades das pressões geradas pelo próprio uso (HOPPER, 1987). Em função disso, itens linguísticos (ou construções) usados em situações reais de comunicação, por vezes, não preenchem todas as características prototípicas de categorias previamente delimitadas. É o que observa nas construções com o verbo *fazer*, que, em alguns contextos morfossintáticos, não funciona simplesmente como verbo pleno, mas assume uma diversidade de funções, como, por exemplo, a de operador causativo. Nessa outra função, ele se distancia de suas propriedades de verbo pleno – mais lexical – e assume propriedades mais gramaticais.

Em razão da alta frequência de uso, verifica-se o fato de o verbo *fazer* estar mais sujeito ao enfraquecimento de suas forças semânticas (BYBEE, 2003a, p. 604), ou seja, ao deslizamento de um domínio concreto para um domínio mais abstrato, o que contribui, portanto, para seu processo de gramaticalização. Entendendo a definição de Meillet como insuficiente para caracterização desse processo, é adotada, neste trabalho, a concepção de gramaticalização como passagem de qualquer item/construção linguística para um

item/construção mais gramatical, que, segundo Gonçalves et al. (2008), é a versão mais aceita nos estudos atuais.

No processo de categorização das ocorrências do verbo supracitado, verifica-se, ainda, que os traços que caracterizam cada uso apontam para a existência de gradualidades morfosintáticas e principalmente semânticas não só no nível intercategoriaal, mas também no nível intracategoriaal (AARTS, 2007a, p. 97, *apud* TRAUGOTT; TROUSDALE, 2010). Entre os usos com sentido [+pleno], há, por exemplo, o sintagma “*fazer* uma casa”, em que o verbo expressa uma ação de sentido mais concreto do que em “*fazer* um poema”, que, por sua vez, apresenta noções semânticas mais concretas³ que “*fazer* arroz”. No sintagma “*fazer* uma casa”, o verbo *fazer* permite a paráfrase “construir”. Em “*fazer* um poema”, o verbo *fazer* pode ser parafraseado por “criar” e, em “*fazer* arroz”, o mesmo verbo pode ser reinterpretado como “cozinhar”. Note-se que tanto “*fazer* uma casa” quanto “*fazer* um poema” implicam, cognitivamente, a não existência de algo e a sua posterior existência, mas a existência da “casa” pode ser considerada bem mais material que a existência do poema, que se manifesta por meio de palavras dispostas em versos e estrofes. Já a construção “*fazer* arroz” implica um esquema de imagem em que o objeto (arroz) já existia, mas mudou de estado: de cru passa a ser cozido. Essas considerações comprovam que, embora o verbo *fazer*, nesses três casos, seja considerado + pleno, existem gradualidades entre eles, dadas as especificidades de seus respectivos objetos diretos.

3.2 MULTIFUNCIONALIDADE NOS USOS DO VERBO FAZER

Antes de propriamente analisar usos do verbo em questão no Português Brasileiro, é importante que se atente para alguns aspectos semântico-cognitivos do *fazer* e de verbos com sentido equivalente em outras línguas do mundo. Nas línguas naturais, os itens lexicais mais suscetíveis à gramaticalização são aqueles que, segundo Heine et al. (1991b, *apud* Bybee, 2003b), representam experiências humanas básicas e universais. Isso se liga, de certa maneira, ao fato de alguns verbos serem mais frequentes do que outros, como ocorre, no inglês, com os verbos *go*, *put*, *do* e *make*. Por apresentarem alta frequência e serem os primeiros verbos adquiridos por crianças em processo de aquisição da linguagem, infere-se

³ Ressalta-se que, aqui, foi considerado que a noção de concretude se baseia mais no grau de afetamento/modificação do objeto do que na natureza do objeto em si. Entendeu-se, portanto, que a concretude, no contexto de análise, está centrada no estado de coisas representado pelo verbo, e não no referente dos termos que ocupam a posição de complemento.

que esses verbos “leves⁴”, segundo Goldberg (1998, p. 207), expressam uma pequena classe de significados cognitivamente privilegiados.

Por representar, então, experiências básicas, ser usado com frequência e apresentar alta variabilidade sintático-semântica, o verbo *fazer* mostra-se bastante produtivo e é, portanto, [-] marcado na língua. Nesse sentido, em razão da alta frequência, o processamento mental desse item tende a ser cada vez mais rápido e automático, o que ratifica, assim, o fato de a frequência de uso ser inversamente proporcional à complexidade cognitiva (GIVÓN, 2012).

Há de se considerar, ainda, que existe, de certa maneira, um processo de retroalimentação entre frequência e multifuncionalidade, no sentido de que, à medida que um item adquire novas funções, ele passa a ser mais utilizado e vice-versa, o que contribui, mais uma vez, para atestar a dinamicidade da língua.

Em relação às ocorrências do verbo *fazer* no *corpus*, inicialmente, foram identificados usos do verbo em questão com sentido [+] pleno (no caso, com o valor de “criar/dar origem a”, “fabricar”), que coincide com a tradução de *facĕre*, forma latina correspondente. O sentido pleno de *fazer* pode ser atestado em (1), (2) e (3), a seguir:

- (1) qu/eu falei que queria *fazê* uma caixa de engraxate. (JS, M, 36)⁵
- (2) Eu num sabia *fazê* panela né? (SBLs, F, 28)
- (3) Eu tem muitas peça qu/eu num sei *fazê*. (SBLs, F, 28)

Mais distantes desse sentido pleno, observaram-se construções em que o verbo *fazer* tem como argumento interno um pronome indefinido (principalmente “tudo” e “nada”) ou um pronome demonstrativo neutro. Às vezes, o pronome vem acompanhado do substantivo “coisa”, que funciona como núcleo do sintagma nominal. Abaixo, seguem alguns exemplos dessas construções:

- (4) Dá nada... tá assim tem umas ocasião que fica muito::: ruim muito fraco e tem outras ocasião que dá pra levá a vida.. só pra comê mês... que num tem *outra coisa pra fazê* né? (DMC, M, 25)
- (5) Então a gente num pode í contra... ao memo tempo num pode í contra... mais ao memo tempo eu já acho rui é por causa disso que minino chega em casa num qué sabê di *fazê*

⁴ Embora, na tradição funcionalista, os “verbos leves” sejam comumente tratados como sinônimos de “verbos-suporte” e sejam, portanto, entendidos como se dependessem de um sintagma nominal com o qual constituam predicado, Goldberg (1998) parece conceber a categoria de verbos leves de maneira mais genérica. Ela chama de “leves” os verbos que expressam as experiências humanas mais básicas e que, pela alta frequência, passam mais rapidamente pelo “branqueamento semântico”. Trata-se, portanto, de verbos bastante polifuncionais (e não necessariamente precisam de um sintagma nominal que lhes confira carga semântica e com o qual constituam predicado).

⁵ Entre parênteses, há, respectivamente, as iniciais do nome completo do informante, o sexo e a idade.

nada num qué sabê di... istudá num quê sabê de pegá um serviço num sabê di *fazê nada...* (JS, M, 36)

- (6) assim gosta de conversa... né então... do lado do meu pai gosta de increnca... *toda coisa qui faz* tem qui discontá num pode dexá né... (DMC, M, 25)
- (7) É... sim eu... assim eu... minha mãe... foi minha mãe e meu pai... *tudo qu/eu posso fazê...* se ela falá/sim pra mim... S. faiz isso pra mim... na hora num tem esse negócio assim de... ah::: mãe num posso tô cansada... de jeito nenhum... *faço tudo* qu/ela pede... (SBLs, F, 28)

Em muitos casos, esse tipo de construção apresenta o sentido de “trabalhar” ou “ocupar-se com alguma atividade/tarefa”, como se verifica nos exemplos (4) e (5). O interessante é que, em alguns casos, essa construção expressa o sentido de “agir”, mas de maneira bastante genérica, tal como aparece em (6) e (7). Nem mesmo por meio de um exame do contexto é possível atribuir a ela um sentido mais específico, já que o próprio falante não quer ser preciso. Não há, todavia, qualquer problema no processo de decodificação por parte do interlocutor. Há um significado partilhado entre locutor e interlocutor em relação ao uso dessas construções, porém é difícil explicitar qual seja. Isso, de certa maneira, se relaciona às ideias do segundo Wittgenstein (1999), para quem a vagueza é constitutiva da linguagem. Ele defende também, na sua fase madura, que o significado de uma palavra é fixado pelo seu uso linguístico, pelo modo como ela é usada na interação linguística. Nas suas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein (1999) chega a igualar significado e uso. Nesse sentido, os falantes não necessariamente sabem o significado dos termos que utilizam, mas sabem usá-los, por terem apreendido o seu contexto de uso.

Numa perspectiva cognitivista, o uso de termos cujo sentido não está plenamente determinado pode ser relacionado também ao que Langacker (2001 *apud* Oliveira 2010) chama de *estrutura virtual rotinizada*, que se manifesta em vários *eventos reais*. *Tudo, nada, coisa* constituiriam essas estruturas virtuais, genéricas e rotinizadas, que são reconstruídas pelo interlocutor como uma série de eventos reais. A figura 1, a seguir, ajuda a compreender a estrutura:

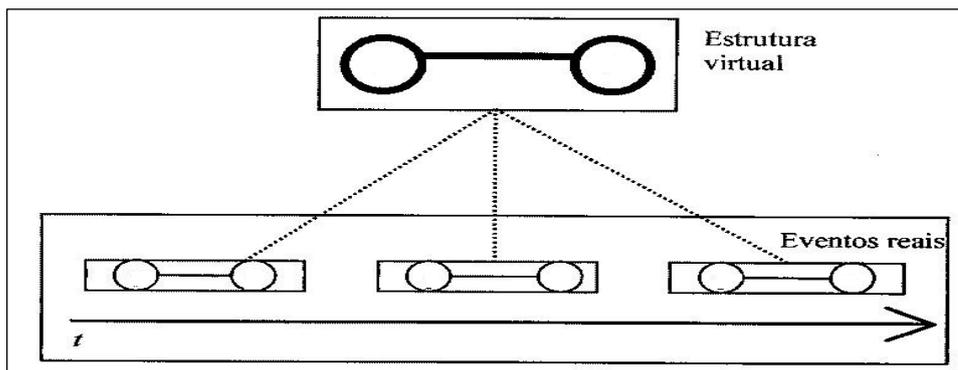


Figura 1: Estrutura virtual rotinizada. Fonte: adaptação de Oliveira (2010, p. 121).

Verificaram-se também construções instigantes, com certo grau de cristalização e idiomaticidade, reveladoras não só de aspectos culturais do léxico da fala goiana, mas também atestadores da dinamicidade da língua. Algumas delas podem ser observadas a seguir:

- (8) aí ela ficô mais apaixonada por mim aí *fazia rolo* com ela aí:: namorava com ela nada.. (JCS, M, 38)
- (9) Uai ixm tem vária estória que quando trabaiva na prefeitura na época antes do caminhão de lixo nós trabaivava na varreção né? aí nós:: tinha *fazê danura*... a prefeitura tinha um porão aí debaxo... debaxo do porão pegá porão nas muié lá trabaivava na prefeitura aí cê sabia o que a gente fazia lá né? oiano as bunda da muié né? (risos)... (JCS, M, 38)
- (10) Um dia de boca de urna... num pode *fazê boca de urna* eu pendino voto posoto... aí eu ia preso... (JCS, M, 38)
- (11) namorava com ela nada *fazia de conta* que namorava nada só:: só pra curti mesmo de veis em quando pra castigá ela que um dia quando era antes... (JCS, M, 38)
- (12) Qu/eu:: s/eu recramá dela eu tô errado... e s/ela recramá di mim tamém ela é errada... mais ao memo tempo ela *tanto faiz* ambas parte é porque:: s/eu falá alguma coisa dela qu/eu sô errado... (JS, M, 36)
- (13) MINIno um cara mais manso... já () inda tava bebendo ainda aí eu peguei e falei... ó *fazê o quê?* dexá por conta do policial... aí eu peguei e falei () falei pro policial falei... ó ele vai atrais de mim... ele pegô e falô não pode í tranqüilo qu/eu vô ficá de oio nele... (JS, M, 36)
- (14) *deu o que fazê* pra arrumá socorro... aí minha mãe corre daqui... até que vai atrais dela tamém corre daqui corre dali mais graças a Deus tô qu/essa mão... (JS, M, 36)
- (15) ele num engraxava com mais ninguém... agora hoje... *dá o que fazê* pra você arrumá um engraxate... (JS, M, 36)

Enquanto, em (8), (9) e (10), a carga semântica do verbo *fazer* e dos outros constituintes das construções em que ele se encontra é alta; em (11), (12), (13), (14) e (15), as partes que compõem as expressões cristalizadas já são bastante dessemantizadas e,

consequentemente, o sentido da expressão não é dado pela soma de seus componentes, mas pela expressão como um todo. Isso leva à formulação de que, nas três primeiras construções, predomina o princípio da composicionalidade⁶, e de que, nas últimas quatro, o princípio predominante é o da idiomaticidade⁷.

Em (12), a expressão “tanto faiz” (sic) exerce função adverbial, equivalendo a “de qualquer modo” ou a “de qualquer maneira”. Em (13), “fazê o quê?” se configura como uma expressão interrogativa usada, muitas vezes, quando o falante quer se eximir (ou eximir alguém) da culpa de agir de determinada maneira ou fazer determinada sugestão. Por meio dessa expressão, o enunciador coloca a ação descrita como a única uma atitude passível de ser tomada em determinada situação. Já em (14) e (15), a construção formada por DAR (flexionado) + O QUE FAZER expressa a ideia de algo trabalhoso, difícil. Com base em uma breve análise de *corpora* de projetos de pesquisa de outros estados brasileiros, verifica-se que essa construção parece ser bem típica da fala goiana, visto que ela, em geral, não é tão produtiva em vários outros dialetos falados no Brasil.

Mesmo que não estejam presentes no *corpus*, é bastante comum, no português brasileiro, a utilização de expressões do tipo “vou fazer a unha no salão” e “fiz a barba com fulano ontem”, que apresentam, em princípio, uma incompatibilidade entre a estrutura sintática e a realidade extralinguística (universo biossocial). Nessas construções, o enunciador se coloca com a função sintática de sujeito e aparentemente com o papel temático de agente, todavia, na verdade, ele tem a função de beneficiário dessas ações. Uma possível hipótese para a explicação desse uso seria considerar que tenha havido um processo de redução de material linguístico: “vou ao/no salão para a manicure fazer a minha unha” → “vou fazer a unha no salão” / “vou ao/no salão fazer a unha”. Essa redução ocorre provavelmente em razão do fato de enunciador e enunciatário possuírem conhecimento partilhado, o que, pelo princípio da economia cognitiva, faz ser desnecessário pronunciar toda a sentença detalhadamente.

Embora o português brasileiro não seja uma língua ergativa, ou seja, uma língua em que funções semânticas semelhantes são atribuídas ao sujeito e ao objeto, construções como

⁶ Conquanto o sentido de composicionalidade usado neste trabalho remeta às ideias Yāska (cerca de 500 a.C) e Platão (cerca de 400 a.C), a noção de composicionalidade linguística foi mais bem desenvolvida, segundo Marques (2011), no final do século XIX, por Frege, que formulou o Princípio da Composicionalidade Semântica, segundo o qual o significado de uma expressão complexa é dado pelo significado de suas expressões constituintes.

⁷ Em oposição à composicionalidade, a idiomaticidade é definida, nos estudos linguísticos, como a propriedade em que o significado de uma expressão não resulta da soma do significado de suas partes. Nesse caso, há um sentido atribuído, cognitiva e pragmaticamente, à totalidade da expressão, que é distinto do significado de seus constituintes.

“vou no salão *fazer* a unha” contribuem para que ocorra o que DeLancey *apud* Croft (2003, p. 173) chama de cisão ergativa, caracterizada por basicamente três fatores: 1) a força atuante no processo não aparece na oração; 2) o verbo continua em sua forma ativa; 3) o paciente é posicionado à esquerda do verbo, lugar geralmente ocupado pelo sujeito protoagente. Seria o caso, também, de *meu carro furou o pneu*, em que a interpretação não é a de que o carro realizou uma ação, mas sofreu um processo, já que pneu está contido no carro.

Existem outros casos em que o processo de dessemantização está tão avançado que expressões corporais atuam como componentes extralinguísticos do verbo *fazer*. Isso pode ser exemplificado com uma possível situação comunicativa: o falante está esperando alguém sair e essa pessoa demora muito. Quando a pessoa aparece, o falante diz: “eu estou te esperando *faz ó!*” (faz um gesto repetitivo com os dedos polegar e indicador, estalando-os). Aliado ao alongamento do fonema vocálico /ɔ/, o gesto com a mão indica que a espera do enunciador se estendeu por um longo período e exerce, pois, a função de intensificador de tempo.

3.3 USOS GRAMATICALIZADOS DO VERBO *FAZER*

3.3.1 VERBO-SUPORTE

Entre os usos do *fazer* com traço [+ gramatical], o primeiro a ser tratado, neste trabalho, é o que ocorre em estruturas com verbo-suporte, que são bastante comuns, sobretudo, na oralidade. Sabe-se que, prototipicamente, elas são compostas de verbo-suporte ou “verbo leve” (com carga semântica mínima), seguido de sintagma nominal (SN), que ocupa preferencialmente a posição de objeto, mas que não participa da estrutura argumental do verbo. É o caso, por exemplo de “dar um chute”, cujo verbo correspondente é “chutar”. Normalmente, esse SN se junta ao verbo a fim de formar o predicado e de conferir carga semântica à perífrase⁸, como se verifica nos dados que se seguem:

(16) Não apanhava muito não... só quando *fazia arte* mesmo... (MANC, F, 48)

(17) Fui *fazer uma entrevista* lá:: na saída de Brasília... ia trabalha lá... (FS, F, 36)

(18) aí quando eles viu qu/eu tava ruim mesmo... qu/eu não dava conta de tê normal que:: *feiz a cesariana* ni/mim... aí ele nasceu na falta de oxigênio né? (SBLs, F, 28)

⁸ Ressalta-se que, para que uma perífrase seja considerada como construção com verbo-suporte, não é necessário que verbo e SN estejam em relação de paráfrase, já que essa condição se baseia praticamente apenas em aspectos ligados à composição do léxico. Em muitos casos, “há construções desse tipo que não possuem correlatos semânticos constituídos por verbos simples.” (NEVES, 2002, p. 210).

- (19) caboco foi mim deu uma cassetada na minha perna jogô eu no chão eu *fiiz aquele escândalo* pra expursá o otro né? (JCS, M, 38)
- (20) ficava com dó e ajudava... ésa assim... tamém é... num podia ajudá... *fazê uma compra*... ajudá mantê né? porque era pobre tamém né? (SBLs, F, 28)

É importante considerar o fato de que o verbo *fazer*, que é tipicamente de ação, tende a manter - mesmo já gramaticalizado - alguns dos traços semânticos da forma-fonte. É por isso que Neves (2002, p. 219) afirma que algumas construções com verbo-suporte tipicamente nocional configuram-se como não prototípicas, já que nelas se verifica uma densidade semântica maior em cada um dos elementos que as compõem. Elas ocorrem, principalmente, quando o SN predicante envolve processo, tal como se observa a seguir:

- (21) É... aí danava tudo... aí *fiiz* tratamento... num miorei assim... completamente não... mais em vista do qu/eu tava... hoje em dia eu tô melhor (SBLs, F, 28)
- (22) Ontem *fiiz* a operação (CNS)⁹
- (23) Vou *fazer* reabilitação (CNS)

A opção do falante pelo emprego de estruturas com verbo-suporte em detrimento de um verbo simples correspondente (que, em muitos casos, consta do léxico da língua) aponta para “maior versatilidade sintática” (NEVES, 2002, p. 236) na estruturação da frase, já que existe, por exemplo, a possibilidade de adjetivar/especificar o núcleo do sintagma nominal. Por meio da utilização dessas construções, pode haver, ainda, a obtenção de “maior precisão semântica, de adequação comunicativa e, afinal, de efeitos na própria configuração textual.” (NEVES, 2002, p. 236).

Ademais, o uso do verbo-suporte *fazer* configura-se, muitas vezes, como um recurso linguístico produtivo usado para evitar, inconscientemente, a utilização da voz passiva. É o que se confirma sobretudo nos exemplos (17) e (18), em que só é possível saber se o sujeito exerce o papel temático de agente ou de paciente/beneficiário pelo contexto. Em (17), se “*fazer* uma entrevista” tivesse como sujeito um sintagma nominal cujo núcleo fosse, por exemplo, “jornalista”, provavelmente o sujeito seria o agente. A análise do contexto frásico em (17), todavia, indica que o enunciador, que se coloca como sujeito, foi entrevistado e exerce, portanto, a função de paciente.

O interessante é que, embora outros verbos-suporte funcionem como estratégia de não utilização da voz passiva, geralmente o falante os troca, a fim de não deixar dúvidas para o interlocutor sobre quem é o agente ou o paciente/beneficiário/experienciador. Essa

⁹ *Corpus* não sistematizado (CNS).

substituição de um verbo-suporte por outro ocorre mais raramente em construções com o verbo *fazer*. Alguns exemplos da utilização de diferentes verbos-suporte para indicar ora agentividade, ora passividade do sujeito são os seguintes:

- (a) *Dar* um chute/*levar* um chute
- (b) *Dar* um beijo/*ganhar* um beijo
- (c) *Dar* uma pedrada/*tomar* uma pedrada

O uso dos verbos-suporte como tentativa de evitar construções passivas está ligado a uma tendência maior de utilização de voz ativa na fala, já que – nos casos em que há período simples e ordem direta – essa última tende a possuir uma complexidade de processamento menor que a da voz passiva, como já foi mostrado em várias pesquisas sobre aquisição da linguagem, tais como a de Fraser et al. (1963, *apud* GABRIEL, 2003).

3.3.2 OPERADOR TEXTUAL

Ressalta-se que, na função de operador textual, o verbo *fazer* já atua no nível do texto, e não mais no nível da frase, como ocorre nos outros usos ora apresentados. A gramática tradicional costuma enquadrá-lo na categoria dos chamados verbos vicários. Como indica a própria etimologia de “vicário” (do latim, *vicariu*, aquele que substitui outro ou outrem), o verbo vicário caracteriza-se por substituir toda uma oração ou parte dela, ou várias ações expressas anteriormente. Entendemos, contudo, que a nomenclatura tradicional não é suficiente para expressar a função que o verbo *fazer*, de fato, desempenha no caso em questão. Muito mais que substituir o seu referente, o verbo, nesse contexto, opera como um elemento de coesão textual, de articulação interfrástica. É justamente em razão de desempenhar função referencial que esse verbo pode ser considerado gramaticalizado. Em princípio, ele é bastante esvaziado de sentido; todavia, no contexto frásico, o termo ao qual se refere atribui-lhe carga semântica específica, como se observa abaixo:

- (24) *cê* falá pra ele vendê um picolé é mesma coisa de xingá ele... num qué sabe *fazê* isso... (JS, M, 36)
- (25) eu pequei e mirei o istilingui... top... e foi bem na testa dela...foi uma só... e/u *fiz* brincano num foi por maldade... (JS, M, 36)
- (26) Passá o tempo e nós... nós ganhá o dia sem trabaíá né? ((risos)) Nós *fazia* isso e era muito... (JCS, M, 38)

Geralmente, o verbo apresenta-se ou sozinho ou acompanhado por pronomes indefinidos (como *o, isso, isto, aquilo* etc.) ou, ainda, por alguns advérbios, como *assim, desse modo* etc., com os quais forma uma unidade remissiva. Koch (2008, p. 47-48), por exemplo, denomina-o, entre os operadores coesivos, como *pro-forma verbal* e exemplifica: “O presidente resolveu reduzir os gastos da administração pública. Os governadores *fizeram o mesmo*”.

3.3.3 OPERADOR CAUSATIVO

Já como operador causativo, o *fazer* se apresenta como manifestante da ação de um sujeito cujo objetivo é levar um ser/ objeto ou a agir, ou a ter sua natureza (interna ou externa) alterada. Conquanto haja várias formas de manifestação da causatividade na língua portuguesa, este trabalho tratará da estrutura: verbo *fazer* + oração completiva direta, dentro da qual há o ser/objeto que será movido a realizar um evento [+ controlado] ou [- controlado] pelo sujeito do *fazer*. Essa propriedade pode ser vista nos exemplos de (27) a (31), a seguir:

(27) Ele quis me *fazê* cair do telhado (CNS)

(28) Ele queria me *fazê* mudar de opinião (CNS)

(29) O sol *feiz* o chão rachar (CNS)

(30) O vento *feiz* a pluma cair (CNS)

(31) Ah::: hoje eu... o casamento *feiz* eu ficá mais calmo (JCS, M, 38)

Tanto em (27) quanto em (28), constata-se que o sujeito da locução “quis *fazer*” / “queria *fazer*” possui traço [+ animado] e tem o controle da ação que realiza. Verificam-se, contudo, nuances semânticas, já que derrubar alguém, em (27), é uma ação cujo sentido é mais concreto, por exemplo, do que mudar a opinião de alguém, com se verifica em (28). Já em (29), (30) e (31), o sujeito da primeira oração em todas as sentenças tem traço [- animado] e a ação de *fazer*, por conseguinte, não é controlada. Em (29), contudo, a natureza de “chão” (sujeito de “rachar”) é modificada, o que indica um grau de transitividade maior em relação ao exemplo (30). Por fim, em (31), “acalmar” envolve, em princípio, uma ação interna de caráter mental, que pode, posteriormente, apresentar consequências externas, como, por exemplo, mudança de comportamento.

No caso das construções causativas, observar a natureza tanto do sujeito de *fazer* quanto do sujeito do verbo presente na oração completiva direta é relevante, já que ela

determinará - juntamente com a natureza da ação expressa pela completiva - quais causativas envolvem, por exemplo, [+ controle] ou [- controle] e [+ concretude] ou [- concretude]. Como acontece com outras categorias, ratifica-se, assim, nesse tipo de estrutura causativa, a presença de gradualidades semânticas.

3.3.4 OPERADOR TEMPORAL

Em relação aos usos do *fazer* apontados como gramaticalizados, acredita-se que - em indicações de tempo do tipo “faz duas horas” e “faz muito tempo” - o verbo *fazer* esteja em um estágio de gramaticalização mais avançado. Não se nega, todavia, que há controvérsias sobre o estatuto categorial desse tipo de construção. Bechara (2006, p. 150) apresenta, por exemplo, a classificação de “oração subordinada adverbial temporal” ou, ainda, “oração subordinada adverbial temporal justaposta”. Posteriormente, ele afirma que “[...] outros autores supõem que as orações do tipo ‘há quatro dias’, ‘faz quatro dias’, sofreram um processo de gramaticalização, passando a ser consideradas simples adjuntos adverbiais de tempo.” (*op. cit.*, p. 150). Castilho (1968, p. 75) parece concordar com essa última afirmação de Bechara, quando, ao tratar do aspecto durativo do verbo, afirma que “[...] duração expressa pela perífrase pode vir ampliada ou restrita, de acordo com o adjunto adverbial que a acompanha: ‘Estou observando você há muito tempo’. C. dos Anjos — A 156.”

Acredita-se, neste trabalho, que seja mais adequado entender essas construções como adjuntos adverbiais de tempo e, portanto, como resultantes de gramaticalização. Primeiramente, observa-se que, nelas, há quase total esvaziamento da carga semântica verbal. Em segundo lugar, há algumas restrições quanto à forma: o verbo *fazer* é usado quase exclusivamente na terceira pessoa do singular e, geralmente, no presente do indicativo. Ratifica-se, assim, a afirmação de Bisang (1998, p. 20, *apud* Gonçalves et al., 2007, p. 118), segundo o qual “a construção fornece um ambiente favorável dentro do qual as unidades sintáticas ou componentes semânticos podem ser reanalisados.” Vejam-se alguns exemplos:

- (32) Faz anos que não via ele (CNS)
- (33) Faiz muito tempo que eu compro esse sabão (CNS)
- (34) O cachorro dele morreu faiz tempo (CNS)

Há que se considerar, ainda, que o *fazer*, nesse tipo de construção, ainda mantém – segundo alguns autores - certos traços que o configuram como predicador, como, por exemplo, sua capacidade de selecionar um argumento interno (no caso, o SN com valor

temporal). Esse é um dos fatores que leva muitos autores a considerá-lo como semigramaticalizado, como Machado Vieira (2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, foi possível identificar o verbo *fazer* em diversas construções tanto em sentidos mais plenos (*fazer uma casa*), quanto em sentidos mais abstratizados, usos aqui considerados gramaticalizados, como o de verbo-suporte (*fazer uma entrevista*), operador textual (*fazer isso*), operador causativo (*fez eu ficar mais calmo*) e operador temporal (*faz tempo*). Verificou-se também que essa multifuncionalidade do verbo supracitado está ligada a um processo de maior de aumento da frequência e conseqüente dessemantização de itens que materializam, nas línguas, certos tipos básicos e universais de experiência humana. Observou-se, também, que, entre os vários usos do verbo *fazer* encontrados, os mais típicos da fala goiana encontram-se em algumas expressões cristalizadas, principalmente do tipo DAR + O QUE FAZER.

Essa breve análise de alguns usos do verbo *fazer* contribui, assim, para confirmar o fato de a língua ser dinâmica e servir às necessidades comunicativas de seus falantes. Diferentemente das concepções gerativistas iniciais de que as relações sintáticas são primárias e que, portanto, a relação entre semântica e sintaxe “só poderá ser estudada depois de a estrutura sintática ter sido determinada em uma base independente.” (CHOMSKY, p. 19), verifica-se que, na verdade, a pragmática e, portanto, a busca pela transmissão de sentidos no ato comunicativo é que moldam a gramática, fazendo-a emergir do uso. Os usos que supostamente preenchem certas categorias gramaticais são – à semelhança das situações de interação – imprecisos, fluidos e sujeitos, portanto, à constante reanálise.

Além disso, a pesquisa contribuiu também para colocar em evidência a fala goiana, que é um dialeto ainda pouco explorado no que se refere à sua sintaxe.

REFERÊNCIAS

1. BECHARA, Evanildo. C. *Lições de Português pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
2. BYBEE, Joan. Mechanisms of Change in Grammaticalization: the Role of the Frequency. In: JANDA, R.; BRIAN, J. (orgs.). *Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003a, p. 602-623.

3. _____, Joan. Cognitive Process in grammaticalization. In: TOMASELLO, Michael. (Ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2003b. p. 145-167.
4. CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília - SP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Tese de Doutorado, 1968.
5. CHOMSKY, Noam. *Estruturas sintáticas*. Trad. Madalena Cruz Ferreira. Lisboa: Edições 70. Original inglês 1957. p. 15-20.
6. CONEJO, Cássia Rita. *O verbo-suporte fazer na língua portuguesa: um exercício de análise de base funcionalista*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008.
7. CROFT, William. Prototypes and the interaction of typological patterns. In: CROFT, W. *Typology and Universals*. 2 ed. Cambridge University Press, 2003. p. 158-193.
8. GABRIEL, Rosângela. Mecanismos cognitivos envolvidos na aquisição e processamento de construções passivas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, vol. 45, p.89 – 98, 2003.
9. GIVÓN, Talmy. *A compreensão da gramática*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha, Mario Eduardo Martelotta e Filipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal, RN: EDUFRN, 2012.
10. GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vania Cristina. (orgs.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.
11. HOPPER, Paul J. Emergent grammar. *Berkeley Linguistics Society*, v. 13, 1987.p. 139-57. Disponível em: <<http://elanguage.net/journals/index.php/bls/article/viewFile/2492/2459%E5%AF%86>> Acesso em: 01 dez. 2012.
12. KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 47-48.
13. MACHADO VIEIRA, Márcia dos Santos. *Caracterização do comportamento multifuncional de fazer*. 2003. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/docentes/72873-2.pdf>> Acesso em: 01 de jul. 2012.
14. MARQUES, Fernanda Botinhão. *Eletrofisiologia da idiomaticidade em indivíduos com síndrome de asperger: estudo de ERP*. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em

- Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
15. NEVES, Maria Helena de Moura. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: KOCK, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado VI: desenvolvimentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p. 209-236.
 16. OLIVEIRA, A. A. Uma introdução à gramática cognitiva. In.: *Linguagem e cognição: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar*. Belo Horizonte: Editora PucMinas, 2010. p. 105-123
 17. RASSI, Amanda Pontes. *Estatuto sintático-semântico do verbo fazer no português escrito do Brasil*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.
 18. SILVA, Leosmar Aparecido da. Corporificação da mente: prototipia e gramaticalização em construções do português brasileiro. In: I SIELP - Simpósio Internacional de Estudos da Língua Portuguesa, 2011, Uberlândia. *Anais do I SIELP*. Uberlândia: EDUFU, 2011. v. 1. p. 473-472. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/pt/arquivos/sielp2011/artigo_35.pdf Acesso: 10/12/2012.
 19. _____, Leosmar Aparecido da. *Os usos do até na língua falada na cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.
 20. TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2004.
 21. TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Gradience, gradualness and grammaticalization: How do they intersect?* 2010. Disponível em: <http://www.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottTrousdaleProofs.pdf>. Acesso: 01/12/2012.
 22. WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

ABSTRACT: Based on functionalist theoretical assumptions, this essay analyses some syntactic and semantic aspects of *fazer*, a verb, in Brazilian Portuguese and, specially, in Goiás speech. The frequent use of this verb – besides indicating high productivity – has an essential role in the weakening of its semantic forces (bleaching) as in its grammaticalization process. Among the many uses of this verb, this paper will focus – in a *continuum* – on those which characteristics point to the extremity with trace [+ grammatical]. Therefore, the verb *fazer* will be treated with higher emphasis in time indications, causative structures, constructions with support verb and sentences where it has referential function. It is intended to attest the fact that *fazer* effective use doesn't

comprehend tight, dichotomic and/or tightly delimited categories; there are, actually, gradations that trespass them.

KEYWORDS: multifunctionality; gramaticalization; *fazer* verb.

Recebido no dia 30 de novembro de 2013.

Aceito para publicação no dia 11 de março de 2014.